

Inovação

Indústria calçadista do RS busca sustentabilidade e exportações

Entre o Vale do Paranhana e a Serra Gaúcha há 616 fábricas do setor

Eduardo Torres

A partir de Igrejinha, no Vale do Paranhana, onde surgiu a empresa na década de 1970, a Calçados Beira Rio, hoje uma das maiores fabricantes de calçados do Brasil, agora mira no mercado externo. De acordo com o CEO da empresa, Roberto Argenta, hoje as exportações representam 17% do faturamento. A meta é chegar a 25%.

E para isso, aponta Argenta, nem mesmo as cheias de maio, que invadiram a planta industrial instalada em Roca Sales, no Vale do Taquari, fizeram a empresa mudar seu plano de investimentos.

“Neste ano, estamos desembolsando em torno de R\$ 30 milhões com a

construção de depósitos para matérias-primas e produtos e em máquinas mais modernas, que nos permitirão ampliar a capacidade de produção”, diz o empresário.

Hoje, entre as suas 11 unidades no Estado, a Beira Rio tem capacidade para produzir 520 mil pares por dia. E a expectativa é chegar, no final deste ano, a uma capacidade de 600 mil pares diários.

“Temos um preço competitivo, muita qualidade no nosso produto e o design faz a diferença. E quando exportamos as nossas marcas, e não para outros fabricantes, estamos exportando todo o nosso conceito de inovação e sustentabilidade desenvolvido aqui. Por isso, hoje já estamos presentes em mais de 100 países, especialmente na América Latina”, aponta Argenta.

Há pelo menos cinco anos, as marcas fabricadas pela Beira Rio são presença garantida



Calçados Beira Rio, que tem filial na região, fornece resíduos de retalhos e palmilhas para geração de energia

em feiras internacionais do setor. No Vale do Paranhana, a atuação vai além da produção de calçados. De acordo com Roberto Argenta, a empresa mantém parceria com a prefeitura local para dragagens constantes no Rio Paranhana. Ação que, talvez, tenha minimizado os efeitos da cheia em maio.

Ainda assim, de acordo com o Sindicato das Indústrias de Calçados de Igrejinha, o estrago foi pesado para o setor. A estimativa foi de prejuízos de até R\$ 100 milhões, especialmente em indústrias fornecedoras, que produzem materiais como palmilhas e outros acessórios. Estragos também foram relatados em empresas calçadistas de Três Coroas e Parobé.

Conforme a Associação

Brasileira da Indústria de Calçados (Abicalçados), entre o Vale do Paranhana e a Serra estão concentradas 616 indústrias do setor. Em 2022, elas teriam produzido mais de 37 milhões de pares de calçados.

O alerta provocado pelos eventos climáticos reforçou o papel que o setor calçadista desta região tem como celeiro de ações de sustentabilidade que se reproduzem em outras regiões do País.

Na Beira Rio, por exemplo, é a partir desta região que o projeto de reaproveitamento dos retalhos de palmilhas para a produção de novas palmilhas e de materiais para pontos de venda avança. Hoje, os resíduos, que incluem os retalhos restantes, alimentam o projeto mais ousado na área da sustentabilidade da empresa,

com o fornecimento destes resíduos para a geração de energia, por meio da tecnologia de pirólise – gera gás de síntese e carvão para serem usados em geradores elétricos das próprias plantas da Beira Rio. A indústria já não envia resíduos para aterros e tem um plano de, até 2030, garantir a certificação de origem sustentável a todos os fornecedores da sua cadeia produtiva.

O polo calçadista

■ Vale do Paranhana e Serra concentram 616 indústrias do setor calçadista que, em 2022, produziram 37 milhões de pares de calçados.

■ Destacam-se neste setor: Parobé, Igrejinha, Três Coroas, Farroupilha e Nova Petrópolis.

Fonte: Abicalçados

Com inovação criada no RS, tênis mais leves e menos poluentes para o mundo

É em Parobé, no Vale do Paranhana, que tomam forma os projetos de sustentabilidade da Vulcabras, que produz tênis esportivos de marcas como a Olympikus. A produção industrial é feita no Ceará e na Bahia, mas no Rio Grande do Sul, onde nasceu a empresa, como salienta o CEO Pedro Bartelle, está a mente da Vulcabras, no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento.

“É muito difícil termos uma produção 100% sustentável, mas somos uma das empresas mais sustentáveis do mundo neste setor. Todos nossos tênis são produzidos com energia limpa, nada vai para o lixo, o que sobra da produção e da reutilização é enviado para coprocessamento e usado em estradas. Com isso, temos conseguido, por exemplo, reduzir custos com solados e praticamente zerar desperdícios”,

explica Bartelle.

Em seu relatório de 2023, a Vulcabras calcula ter reduzido em 1,4 kt a emissão de gases do efeito estufa no ano passado em relação a 2022. Ações como o reaproveitamento de EVA nos solados dos tênis evitaram o descarte de 679 toneladas do produto no ano passado. Foram ainda ampliadas em 33% a reintrodução de plásticos na cadeia produtiva. De acordo com o CFO da empresa, Wagner Dantas da Silva, 30% dos produtos da Olympikus hoje têm reuso de materiais.

“Desde o briefing para o desenvolvimento destes produtos, como o material que será usado para garantir maior eficiência na formatação química de um solado, por exemplo, tudo é desenhado e planejado em Parobé”, explica Silva.

De acordo com Bartelle, são 1,2 mil pessoas atualmente



Vulcabras mantém centro de pesquisa e desenvolvimento em Parobé

trabalhando no CPD, que está equipado, inclusive, com uma fábrica de amostras e testagens de produtos.

“Tudo o que está disponível no mundo temos em materiais e máquinas aqui”, garante o diretor.

É claro que, para os seus

tênis considerados de elite no mundo das corridas, não é possível a reutilização de materiais, mas nem por isso a sustentabilidade no desenvolvimento do produto fica em segundo plano. Hoje, por exemplo, o chamado Corre Supra tem uma base com 213 gramas. Há 10 anos, um

modelo deste tipo pesava pelo menos o dobro.

“Aí o trabalho é feito no desenvolvimento de materiais mais leves e sustentáveis. Trazer leveza com estabilidade, contando com a expansão dos materiais é o segredo. No Corre Supra, temos uma placa de carbono, coberta com grafeno e a borracha desenvolvida em parceria com a Michelin, em uma mistura que garante maior expansão e leveza. E há ainda a parte superior do tênis, com teares retilíneos, que tecem o tênis em formato de meia. Quase não tem sobras”, conta Pedro Bartelle.

Com investimentos acumulados de R\$ 37 milhões em Parobé nos últimos 12 meses, a Vulcabras também produz tênis para as marcas Mizuno e Under Armour. De acordo com Bartelle, a perspectiva é de crescimento de 5% no faturamento.